

Fluxo de capitais deve regularizar-se em 4 anos

Da sucursal de
BRASÍLIA

O presidente do Lloyds Bank, Jeremy Morse, um dos dez maiores credores do Brasil, previu ontem que só dentro de quatro a cinco anos o fluxo de capital externo para o País estará regularizado, mas advertiu que até lá é necessário que o governo continue implementando o programa de ajustamento econômico, acionando mais o Banco Mundial e encorajando os investimentos estrangeiros.

O banqueiro inglês destacou que até agora o problema da dívida dos países latino-americanos foi resolvido de forma emergencial, com a implementação de programas de ajuste, nos quais considera que o Brasil se vem saindo satisfatoriamente. E que está chegando o momento em que os bancos credores poderão encarar esse problema em termos de longo prazo. Nesse sentido, acha que o Brasil poderá fazer um reescalonamento de dois a três anos, abrangendo as dívidas a vencer em 1985, 1986 e provavelmente 1987.

Depois de um encontro com o ministro do Planejamento, Delfim Netto, e de almoçar com o ministro da Fazenda, Ernane Galvães, o presidente do Lloyds, banco que é um dos mais antigos credores do Brasil e está instalado no País há 121 anos, negou informações de que já estaria acertada com o México uma renegociação com 15 anos de prazo, sendo dez de carência, para o pagamento do principal. "Não é verdade, não entramos em detalhes com o México; apenas estamos explorando todas as alternativas", disse ele.

Quanto à informação do ministro Delfim Netto, de que o Brasil obterá as mesmas condições de renegociação do México, o banqueiro inglês foi sucinto: "Todas as negociações terão influência sobre as de outros países, mas cada país tem uma negociação específica". E insistiu que não entrou em pormenores de negociações com as autoridades brasileiras, por considerar que "o momento não é oportuno".

Ainda quanto às condições de negociação, Jeremy Morse ressaltou que a questão de juros é problema de governo, pois depende da política monetária, e que a eliminação do "spread" (taxa de risco) é improvável, porque os bancos precisam remunerar seus clientes e cobrir seus



Arquivo

Banqueiro refuta Delfim

custos administrativos. Ele concorda em que a política monetária norte-americana vem causando problemas, assinalando que todos já advertiram os EUA sobre os prejuízos que vem causando. "Taxa de juro real de 7% é alta demais, e uma queda para 3% já seria uma boa ajuda", afirmou. Disse que ficará muito desapontado se as taxas de juros subirem ainda mais, mas ainda assim previu que elas poderão alcançar até 13,5%, um ponto acima da atual.

Mas assinalou que o presidente Ronald Reagan não só está alertado do problema, como já manifestou interesse em solucioná-lo, como também a reunião da cúpula dos países ricos, realizada no final de semana em Londres, tratou do problema.

CARTAGENA

Com respeito à reunião dos devedores, o banqueiro inglês mostrou absoluta tranquilidade. Acha que a comunidade bancária está encarando com naturalidade a reunião dos devedores, porque afinal os bancos credores também se reúnem para discutir seus interesses comuns. Ele diz supor que os países vão discutir sobre taxas de juros e protecionismo.

Finalmente, assinalou Morse que os bancos estão examinando o problema da dívida latino-americana e conversando sobre alongamento da dívida, perfil, melhores condições de endividamento etc. Ele já passou pelo México e Guatemala e insistiu que sua visita ao Brasil é de rotina.